

FUNDAMENTOS

PSICOLÓGICOS DA FÉ

O autor desta Comunicação, P. G. Kövecses (natural da Hungria), faleceu a 12 de junho de 1967, com 46 anos de idade. É portanto uma publicação post mortem. No necrológio, escrito por um de seus dirigidos espirituais, lemos: "Onde realizou, porém, de modo pleno, as suas virtualidades, foi no campo da direção espiritual". Julgamos oportuno publicar este estudo, talvez passível de atualização, em homenagem a um homem, que se preocupou sempre em dimensionar devidamente, no seu trabalho de orientação espiritual das pessoas, as implicações psicológicas inerentes à evolução da personalidade. Esta comunicação foi apresentada em duas etapas e extraída de um volume de "Comunicações", mimeografado por um amigo do autor, com uma tiragem de 50 exemplares. Esse volume contém 22 comunicações, e as que aqui se publicam levam — sob um só título — os números 16 e 17 (pp. 95-111).

I. Fundamentos psicológicos da fé decorrentes da estrutura da personalidade

Os fundamentos psicológicos da fé, decorrentes da personalidade, podem ser considerados sob dois aspectos. Em primeiro lugar, segundo o aspecto interno, constitutivo, da estrutura da personalidade, examinando-se as rejeições e as receptividades da pessoa com respeito à fé, seu crescimento e suas dificuldades com relação à fé. Em segundo lugar, sob o aspecto genético da personalidade, examinando-se a pessoa na dimensão EVO-LUTIVA, dinâmica, i. é, a partir do nascimento até a idade adulta, considerando os fatores que exer-

cem influência decisiva no desenvolvimento da fé.

Começemos por tratar do primeiro aspecto.

1. DESCRIÇÃO DA FÉ VIVA.

Antes de entrar no assunto proposto como tal, cabem algumas considerações preliminares sobre a fé.

Em que consiste a fé? Os mais antigos manuais definem a fé como "assenso do intelecto à verdade". O sentido dessa definição é correto, mas também pode tornar-se deficiente, se considerarmos a verdade apenas enquanto doutrina.

"Verdade", segundo o meu modo de ver, significa a Verdade-Pessoa, a Verdade viva, que é o próprio

Deus. Concretizando ainda mais, a Verdade Encarnada é o próprio Jesus Cristo.

A "inteligência" é um modo de conhecer, que atinge a pessoa toda. Na fé temos relacionamento de pessoa a Pessoa.

Na análise do primeiro aspecto dos fundamentos psicológicos da fé examinaremos, precisamente, a relação da pessoa à verdade, à Verdade-Pessoa, que é o próprio Deus vivo. Se, de fato, atingirmos nesta análise o fundo da nossa pessoa, iremos, certamente, encontrar muita coisa, de cuja existência, em meio ao nosso mundo microcósmico, talvez nem sequer tivéssemos tido consciência.

O "assenso" é o terceiro elemento da fé. É adesão vital. Nesse assenso participa toda a nossa personalidade: a inteligência, a vontade, os afetos do coração e até mesmo a nossa biologia, o consciente e o inconsciente, tudo o que está em nós, porque a fé, enquanto relacionamento de pessoa a Pessoa, inclui tudo o que constitui a pessoa. E o confiar totalmente a própria existência à Verdade-Pessoa inclui tudo o que constitui a pessoa. E esse confiar total explica-se pela autoridade divina. Essa Verdade, ou seja, Deus, atrai a pessoa. Deus, ao revelar-se, atrai a pessoa, com toda a força da Realidade divina.

2. UNIFICAÇÃO INTERNA, CONDIÇÃO DA FÉ.

A unificação da estrutura interna da pessoa humana é condição indispensável para a fé.

Examinemos pormenorizadamente a estrutura interna da pessoa, e vejamos como participa essa estrutura no ato de fé, nesse ato vital, que atinge a pessoa toda.

A primeira camada da pessoa é a sua parte afetiva inconsciente, ou, numa palavra, o seu "id". A outra é a do seu "eu": a inteligência, a vontade, a memória. Acima dessas duas podemos situar a consciência, não a psicológica, mas a consciência moral profunda, que os medievais denominavam "coração" ou "sindérese".

A Sagrada Escritura chama-a "coração", considerando-a como o

centro, o núcleo da personalidade. A Constituição Apostólica de Paulo VI, "Gaudium et Spes", fala dessa "consciência moral" no primeiro capítulo da primeira parte, sob o número 16, ao tratar da personalidade, citando a Radiomensagem de Pio XII "Sobre a Retá Formação da Consciência Cristã dos Jovens", onde alude à consciência como "o santuário mais íntimo da personalidade". É aí que o homem se encontra com Deus. É esse o ponto nuclear, no qual, encontrando-se com o homem, Deus se lhe revela. É na consciência que se realiza a contemplação do numinoso, i. é, do divino.

O próprio termo "contemplar" deriva da palavra "templo" e exprime, exatamente, estar junto com Alguém no templo, no santuário. É nesse sentido que S. Agostinho se refere a Deus como "Deus intimior intimo meo": Deus é mais íntimo a nós mesmos do que cada um de nós o é a si mesmo. Aqui eu situo a força unificadora da personalidade. O próprio Deus é essa força unificadora da nossa personalidade. Esta força não vem de fora; vem de dentro. Só é capaz de dialogar com Deus aquêle em quem se realiza essa unificação. Quem está dividido não consegue dialogar completamente com outro, muito menos com Deus.

O fundamento psicológico mais importante da fé viva é, pois, a unificação da pessoa, que a capacita a dialogar com Deus. Essa espécie de comunicação total em profundidade, somente é possível para com Deus; não é possível para com o homem. Não posso comunicar-me em totalidade com outro ser, que não seja Deus. Entre os homens é impossível esse tipo de diálogo existencial. Vejamos, agora, como se processa a unificação da fé nas diversas camadas estruturais da pessoa.

Em primeiro lugar, no que diz respeito às partes inconscientes — biológica, psicológica, etc. — do "id", é necessária sua humanização, para que sejam integradas. Sem essa humanização tais forças tornam-se adversas à personalidade. Estabelece-se ou permanece a divisão interna. A humanização con-

siste, por sua vez, na submissão dessas partes ao "eu", à parte consciente do homem. O homem que não obtém a submissão dos seus instintos, que não consegue dominar a si mesmo, não chegou à maturidade. Madureza supõe sublimação dessas forças inconscientes-litúrgicas à força racional.

A "HUMANIZAÇÃO" opõe-se à ANIMALIZAÇÃO da pessoa, que se verifica, quando não há disciplina e não se consegue a sublimação dessas forças.

A outra parte integrante da totalidade dessa unificação é o "eu". O nosso eu entra nessa unificação, se está "socializando", i. é, o eu só se torna verdadeiramente eu pelo "tu", pelo "nós", não por si mesmo.

E o eu só se abre para os outros, para a sociedade, na plenitude da CARIDADE. Quando o eu está fechado, desintegra-se. A sua integração começa na INTELIGÊNCIA, pela conscientização de sua situação. Cada um de nós deve compreender-se a si mesmo, com todas as suas limitações. A seguir, é preciso que a VONTADE viva e aja de maneira realista, que não fique pairando nas nuvens. É preciso que se submeta à inteligência. Finalmente, é preciso a submissão do CORAÇÃO.

O terceiro elemento a considerar é a consciência moral imediata, concreta, que podemos chamar, adotando o termo empregado pela Psicologia Profunda, de "superego". Se recebemos educação conforme à nossa realidade humana, a consciência concreta torna-se transparente a Deus. É como os olhos, que contemplam a imagem sem deformá-la. Assim, podemos olhar a verdadeira imagem de Deus. A pessoa assim formada é aberta, e não escrava.

Essa transparência sobrepuja mesmo a pressão social, e a opinião pública. Se possuímos a verdade como ela é, não temos medo do que dizem os outros; a verdade atrai-nos; e nós terminamos impondo aos outros essa verdade, mesmo sem falar, sem fazer proselitismo, e sim por força da própria verdade — ou seja, porque estamos com Deus. A pressão social, as inibições

sociais não nos impedem de agir. Importa-nos tão somente cumprir nossa vocação humana, relacionados com a sociedade, mas independentes do ambiente social.

E o superego, i. é, a consciência moral imediata, torna-se transparente ao Evangelho. O Evangelho é para nós o espelho de Deus. Quanto mais entramos na transparência dos símbolos da Revelação, tanto mais nossa consciência se torna transparente a Deus.

A consciência moral profunda adquire, pois, a plena abertura para Deus, graças à abertura de todas as faculdades e da consciência moral imediata, que é o superego. O diálogo com Deus só se torna possível, se todos os elementos constitutivos da pessoa concorrem para sua unificação.

Deus revela-se num diálogo existencial com a pessoa. Por isso é que é possível fé pessoal viva.

Não unificada, a pessoa decompõe-se. E decomposição quer dizer processo de regressão, que termina pela morte. A folha, que não recebe seiva do todo, cai da árvore da vida. A pessoa desunida, desintegrada, não consegue comunicar-se com a Fonte da vida, que é o próprio Deus. Também sua "fé" permanece raquítica, deficiente, cheia de dificuldades.

3. DEFICIÊNCIAS DA FÉ, CAUSADAS PELA ESTRUTURA.

Outro aspecto do problema é o de poderem as deficiências da fé surgir da parte deficiente da estrutura da pessoa.

Efetivamente, até agora falávamos da unificação como condição psicológica da fé. Acontece, porém, que, se não chega a haver unificação, uma parte da personalidade separa-se do centro. AÍ COMEÇA A DEFICIÊNCIA DA FÉ.

Comecemos pela parte superior da pessoa, pelo exame do eu. Se o eu se recusa a escutar a voz de Deus, que fala através da consciência profunda, então começa o fechamento em si mesmo. Torna-se orgulhoso, endeusado, endemontanhado. Põe de lado a Deus. Deus

não existe mais para ele. O eu mostra-se exaltado, agressivo para com os outros. O eu narcisista, fechado, começa o jôgo com as outras camadas da pessoa. Não consegue dominar a libido e a libido animaliza o homem. As forças libidinosas não são mais dominadas pela vontade.

Outro exemplo é a opinião pública. Essa "casca" externa é tão forte que basta uma observação dos outros, para que o eu se oriente pelos outros e não siga mais a verdade, que é Deus. Então, quer da parte libidinoso, quer pelo envolvimento social, o eu passa a escravo da sua própria timidez, do seu próprio endeusamento; não consegue dialogar com Deus.

O mundo mergulha para dentro dêle. Por isso, perde a unidade da personalidade. Fica todo penetrado de impurezas cósmicas: poeira do exterior e do interior. Não consegue estabelecer o diálogo existencial da fé, pelo qual se relacionaria com Deus.

Vejamos, agora, a relação da parte libidinoso, biopsicológica, com a consciência moral profunda. Se essa parte não está humanizada, mas animalizada, dá-se a anarquia: "an" + "archia", i. é, ausência de princípio e de fim, carência de organização, de submissão à parte superior. O homem sensualizado procura centrar-se e unificar-se para baixo. A meu ver, a grande dificuldade, que pode existir na Psicanálise, é que toda a Antropologia freudiana busca unificar o homem pela parte libidinoso, biológica. Freud, ao analisar a pessoa, reduz tudo à libido, inclusive a interpretação dos sonhos e demais manifestações. Ora, reduzir tudo à libido é como que mutilar o homem, cortar-lhe a cabeça. O que é de baixo deve ficar em baixo. A unificação vem sempre DE CIMA. A unificação da personalidade não pode ser buscada a partir do que é comum aos animais. Só podemos libertar o homem por aquilo que nele é tipicamente humano, i. é, pela consciência profunda, mundo divino em nós, onde podemos encontrar-nos com Deus, adorá-lo, "con-templá-lo", estar no templo interior, junto a Deus.

Em base freudiana, a psicoterapia requer cautela, pois, deformada anteriormente pela educação, pode a consciência ser substituída, facilmente, por outra, também mutilada, por não ser integral a Antropologia seguda. A consciência, portanto, modifica-se, mas permanece opaca, incapaz de ver a verdade como é, de entrar em diálogo existencial com Deus.

Nesse caso, as paixões obcecadas, obscurecem a personalidade. Manifestam-se as forças animalescas, de modo a entenebrecer a visão da vida. É como na descrição bíblica da criação: "tohu-va-bohu", o caos primordial do início do mundo. Se tudo fica restrito à parte biológica e não se eleva o espírito, não aparece a luz, não se encontra o caminho. A maioria das apostasias da fé começam por êsse escurecimento interior.

Jung descreve esse mundo caótico pela simbologia dos arquétipos, fazendo-os surgir como "sombros": bruxas, dragões, cobras, vampiros — êsses são nossos diabos. Se não expulsamos essas forças caóticas, surgem os complexos, os recalques; aprisionados nesse mundo subterrâneo, desaparecerá o tempo para a cultura, para o espírito. Deforma-se a libido. Seguem-se daí as dificuldades com o outro sexo. Lavoura na personalidade a confusão. O diálogo tranqüilo com Deus torna-se impossível.

Outras dificuldades contra a fé podem surgir da estrutura interna da pessoa, provenientes do superego. A pessoa pode ficar-lhes totalmente escravizada; pode, portanto, ser escrava do ambiente social.

Mesmo nós podemos ser prêsas dessa escravidão coletiva. Nossa consciência coletiva pode ser, às vezes, tão forte que nos induza a julgar os outros com orgulho, impedindo-nos de proceder com simplicidade e transparência.

Aos estudantes, por exemplo de Filosofia, pode acontecer que, ao buscarem a verdade, as leituras tragam influências de ideologias estranhas, aceitas sem suficiente critério, desviando-os para a unilateralidade, que lhes impede a visão clara, a visão global da verdade.

4. A REEDUCAÇÃO DA PESSOA.

Trata-se da Pedagogia da Fé. Como podemos reeducar a consciência moral?

A reeducação da consciência moral exige como condição indispensável a unificação da personalidade. Essa unificação, por sua vez, supõe eliminarem-se alguns condicionamentos psicológicos coativos, que atuam como amarras e obstáculos.

Efetivamente, a fé exige a liberdade interna, sem a qual é impossível dialogar com Deus.

Por isso, antes de tudo, é preciso eliminar as amarras. Nos casos mais difíceis é necessária intervenção artificial externa. Em geral, especialmente para os jovens, a boa comunicação com os educadores dispensa o recurso a meios extraordinários, como seriam a terapia, individual ou grupal, a análise, etc.

Nos casos comuns, a inteligência, levada à reflexão pessoal, pode ser ajudada pela REVISÃO DE VIDA, seriamente orientada, pela DIREÇÃO ESPIRITUAL muito pessoal e pelo EXAME DE CONSCIÊNCIA.

Segue-se, assim, um processo de CONSCIENTIZAÇÃO das dificuldades, que a personalidade experimenta, contra a interiorização e unificação interior. Depois, vem a elaboração pessoal, como reação a essas dificuldades. A personalização progressiva dá-se pela libertação no amor de Cristo.

O último passo começa pelo diálogo de salvação com Deus, pelo relacionamento existencial com Deus pela fé viva e crescente.

O pedagogo principal, em todo caso, na educação de nossa consciência, é o próprio ESPIRITO SANTO. É Ele quem opera a unificação interior, é Ele quem cria as condições básicas para o desabrochar vivo e orgânico da fé.

É Ele quem conduz à conversão (metánoia), expulsando os demônios, forças adversas; submetendo tudo a Cristo, Caminho e Vida; transfigurando a totalidade da pessoa em Cristo.

Por essa atuação, o Espírito Santo leva-a por um processo de "eclesialização", formando nela as feições da Espósa de Cristo.

Realizada a unificação da pessoa, nela aparecem, realmente, as MESMAS NOTAS CARACTERÍSTICAS da Igreja: UNIDADE interior em Deus; SANTIDADE, pela comunhão com Deus; CÁTOLICIDADE, pela abertura para com Deus; APOSTOLICIDADE, pela ortodoxia na doutrina de Cristo.

A pessoa chega, ao diálogo existencial da salvação. Atinge a unificação, devida à ação do Espírito Santo, que é o Unificador da Igreja. É Ele quem recria o nosso universo interior, o nosso microcosmo.

O crescimento na fé portanto é obra do Espírito Santo. Em que consiste a ação recriadora do Espírito Santo? Ele orienta tudo para a unidade, faz convergir tudo para o Centro, começando a compor a grande SÍNTESE CÔSMICA, em nosso universo microcósmico. Ele renova, restaura tudo. Acende a Luz (fós) interior; conduz à Verdade (alétheia); comunica a pufança da Vida (bios); forma a imagem do Unigênito, que é imagem do Pai (eikôn toy patrós).

O próprio Deus vivo, na sua plenitude trinitária, vem a nós, prepara a Sua morada e habita em nosso interior. Participamos, assim, das comunicações trinitárias das Pessoas Divinas.

O Filho fala em nós ao Pai, e nós, no Filho — pois Nêle tornamo-nos "filhos", "filhos no Filho" —, comunicamo-nos com o Pai, pela força unificadora do Espírito Santo. Começa, assim, o diálogo vivificante da salvação, na fé viva.

Deus apodera-se, cada vez mais, do nosso universo microcósmico; impregna tudo, nas mínimas partículas desse universo; torna-se tudo no todo; reveste qual manto o nosso universo; já não há obstáculo, dispersão, decomposição no Seu caminho. É Ele quem, por Sua graça, por Seu amor, irradia para fora a unidade desse amor.

Pela nossa fé viva revela-se exteriormente; mediante as teofanias internas leva todos à unidade, recaptulando, centralizando também o universo macrocósmico em seu Filho bem-amado, Jesus Cristo.

II. Fundamentos psicológicos da fé decorrentes da evolução da personalidade

Vejam agora os fundamentos psicológicos da fé, considerando-os sob o aspecto predominantemente dinâmico. Examinaremos a pessoa, enquanto componente essencial no ato de fé, — sob o aspecto genético, na sua evolução desde o nascimento até a idade adulta. Perguntaremos, a seguir, pelos fatores positivos e negativos, que influenciam, radicalmente, na gênese da fé, ao longo dessa evolução.

Limitar-nos-emos, porém, a traçar as grandes linhas da gênese da pessoa, sem recorrer a exemplos concretos, enfocando somente o aspecto da fé.

Desnecessário é lembrar que, em perspectiva teológica, esses diversos condicionamentos da fé, provenientes da evolução da pessoa humana, são verdadeiras graças atuais. Mas o ato de fé como tal deve ser considerado sempre obra gratuita do Espírito Santo em nós.

1. A INFANCIA.

Já no nascimento constatamos um condicionamento de suma importância para a fé. Provém dos dados biológicos e ambientais com que a criança entra no mundo.

Um indivíduo que nasce mutilado, doente, deformado, paralítico, não possuirá, mais tarde, os fundamentos indispensáveis para a verdadeira comunicação interpessoal. Ora, sendo a fé um diálogo existencial de salvação, fácil é concluir que uma pessoa incapaz de comunicação com os homens, muito menos há de chegar à comunicação com Deus. Isso não significa que não se salve — pois as crianças que não chegam nunca, a praticar a fé, podem, não obstante, salvar-se.

Daí se conclui que a base biopsicológica, que a criança recebe dos pais e que traz consigo desde o nascimento, ou seja, o tecido fundamental, que já contém, potencialmente, em si tudo aquilo que a evolução ulterior virá explicitar, e que constitui, por assim dizer, o re-

ceptante "material" e a matéria matriz das impressões e experiências posteriores, deve ser considerada como elemento fundamental, que há de condicionar a qualidade e as características, a forma da sua fé, e que lhe determinará as possibilidades e as limitações.

Mas há outro elemento importante a considerar: não é apenas a base biopsicológica da criança, que repercutirá na gênese da sua fé, mas também a receptividade do meio ambiente, que se mostrará acolhedor ou hostil ao ser humano recém-nascido.

A energia motora, que dinamiza a base bio-psicológica, é o elã vital da LIBIDO, que libera as energias fontais da vitalidade bio-psicológica.

Seria, porém, absurdo querer reduzir no homem tudo à libido. O animal também é impelido por esse elã vital e, no entanto, permanece animal. No homem atua, além dessa, outra força, que submete e dirige a libido, canalizando-a para o desabrochamento da pessoa. Efetivamente, a libido é, de si mesma, energia quântica indisciplinada, que tende a explodir, a expandir-se, a possuir sempre mais e mais com voracidade desenfreada.

Se a criança recebe toda a proteção materna nos primeiros períodos da vida, adquire sentimento de tranqüillidade. Nas pessoas nascidas de mãe carinhosa e protetora, permanece tal sentimento de segurança até o fim da vida. Essa mãe, ainda que morra, acompanha-as, invisível, inconscientemente, até a morte.

Se alguém não experimentou a proteção materna desde o início da vida, permanece voraz, como a criança que sempre intenta mamar, sem o conseguir. Quer receber algo e, não satisfeito esse desejo, conserva a voracidade pela vida a fora.

Também na religiosidade quer "mamar". Surge nesse indivíduo uma religião de magia, de superstição, que em tudo toma, ritualisticamente, a atitude de quem pede, achando que Deus lho dará. Essa voracidade nunca satisfeita, essa religiosidade insaciável, reverte sempre um caráter "pedinçhão".

Diverso é o caso de quem, logo ao entrar na existência, encontra proteção e segurança. A primeira atitude da criança, ao nascer, é chorar. Isto é, pede proteção, segurança existencial, que deve encontrar na proteção do amor materno. Descobrirá, mais tarde, na proteção desse amor, o símbolo da proteção materna da Providência. A pessoa sentir-se-á segura, seja qual for a situação em que se encontre. Mesmo na doença ou no fracasso, já mais desesperará, porque sabe que não lhe falta proteção. Adquiriu segurança na vida. Possui solidez existencial em todos os sentidos.

A criança começa a dar-se conta da sua existência. O espírito começa a manifestar-se, levantando-se da base bio-psicológica, a partir do segundo ou terceiro ano de idade.

Pelos três anos, a criança toma consciência do seu "eu". Já não fala mais na terceira pessoa, mas refere-se a si mesma: "eu quero". Transparecem nela os primeiros sinais de memória, inteligência e vontade. Já demonstra certa docilidade para com a mãe. Muitas vezes, porém, afasta-se, contrariando a mãe. Quer mostrar autonomia, e se a mãe não a atende, faz o que a mãe não quer. Mostra um "gênto" muito forte e começa a castigar e a angustiar a mãe. Essa atitude da criança vincula-se ao aparecimento do espírito nela. De início, esse eu pessoal é muito fraco e tímido. Mas, gradativamente, robustece-se, no relacionamento com os outros: com o "tu" da mãe, o "tu" do pai e o "nós" da família.

A criança que não teve, nessa idade, possibilidade de afirmar-se, por força de avisos e castigos físicos ou psíquicos inibidores, continuará fraca e debilitada. Necessita muito de certa autonomia e liberdade, protegida pelo carinho da mãe, para poder, por meio das experiências e tentativas mais variadas, consolidar suas forças, mas, sobretudo, precisa de grande amor materno.

Por falta desse ambiente educacional propício à afirmação, a pessoa torna-se desconfiada em relação aos outros, inclusive em relação a Deus. Não acredita, ou só dificilmente, na Providência. Basta-

lhe um fracasso qualquer e já desconfia de Deus. A religiosidade dessa pessoa tornar-se-á agressiva contra Deus e contra os homens.

Tornando-se adulta, não se abandona a Deus, por não haver tido essa experiência básica e fundamental. Sua religiosidade vem a ser, muitas vezes, calculista, como o eram suas atitudes de criança — daria, se a mãe desse. Se agora não sente confiança em si, deve-o ao fato de a mãe ter-lhe limitado essa confiança, negando-lhe a liberdade. É por isso que se mostra exigente e reclamadora para com Deus, adotando religiosidade especuladora, exclusivamente interesseira: dá a Deus, caso Deus a atenda.

Se, ao contrário, a experiência fundamental, nesse período, se deu nas circunstâncias favoráveis ao desenvolvimento, ela adquire plena confiança no relacionamento interpessoal. Assim como a criança consegue relacionar-se perfeitamente com a mãe, que lhe dá mostras de confiança e lhe devota amor e carinho, e pode dialogar com ela — e não só chorar —, da mesma forma conseguirá, mais tarde, dialogar, de pessoa a Pessoa, no relacionamento da fé — uma vez que a fé consiste na adesão total à Pessoa-Verdade, na doação generosa e plena de toda a personalidade.

Por volta dos quatro anos, começa na criança uma captação, embora fraca e primitiva, da voz de Deus. É o despertar da consciência. Revelam-se os primeiros sinais da responsabilidade, embora de modo ainda muito infantil — por isso, a Igreja lhe permitirá, logo mais, receber a Primeira Comunhão e fazer a Primeira Confissão.

Começará, por essa época, a tomar consciência da realidade, compreendendo que não é o centro da família. Há alguém maior e mais responsável que ela no seio da família: o pai. Simultaneamente, surge nela o ciúme, devido à afetividade e emotividade para com a mãe. A mãe não só tem atenções para com ela. Desencadeia-se nela um drama interior. Se os pais forem suficientemente esclarecidos, saberão ajudar o filho a superar essa dificuldade.

A criança descobre no pai o IDEAL MASCULINO, paterno, e quanto mais aceita a autoridade do pai, mais nitidamente se forma nela o HOMEM, capaz de relacionar-se, normalmente, com o outro sexo e com os indivíduos do próprio sexo. Forma-se nela o conceito de pai e de homem.

Para nós é de suma importância este conceito vivenciado do pai, ou do educador enquanto substituto do pai, para conhecermos a Deus e podermos relacionar-nos com Ele, como Pai. Se alguém não formou o conceito de pai, ou de homem substituto do pai, dificilmente conseguirá relacionar-se com Deus, como Pai.

Por esse mesmo tempo, começa a manifestar-se na criança o "foque" de Deus, na voz da consciência. Na consciência moral profunda começa a atuar, a trabalhar um dinamismo unificador, que é a atividade criadora do Espírito de Deus.

Nesse terceiro período do desenvolvimento da criança, o fator que nela exerce influência preponderante é o ambiente familiar, principalmente as figuras do pai e da mãe, que lhe condicionarão o relacionamento com todo o mundo divino. Esse ambiente familiar vai formando a "casca" social do superego na criança. Se o ambiente for negativo ou demasiado absorvente — i. é, se, por exemplo, o pai for brutal, e a mãe quiser a criança só para si — não se elabora nela a imagem correta do pai, nem se integra, suficientemente, no próprio sexo, e de certa forma, permanecerá desajustada. É evidente que, deformada a consciência moral imediata e concreta, pela vida a fora essa criança haverá de sentir profunda frustração, que se refletirá na sua religiosidade.

Não temos palavras para descrever com suficiente propriedade esse problema. Um "envoltório" cerca a consciência moral profunda da pessoa deformada. Por causa disso, essa consciência profunda, na qual a pessoa deveria encontrar-se com Deus, e lhe escutar a "voz", torna-se opaca, por estar inteiramente bloqueada pelo "invólucro" social.

É necessário que o ambiente familiar, que vai modelar o superego

da criança, seja verdadeiramente humano, para tornar-se diáfano à luz que brota do núcleo da personalidade, e que assim possa encontrar-se com Deus. Se a pessoa, por influxo do ambiente familiar, adquiriu imagem deformada de Deus, não é capaz de encontrar Nêlo o pai, mas somente o "tirano", atribuindo a Deus o conceito de ídolo. E o ídolo nunca poderá ajudar à pessoa. É impossível comunicar-se com um ídolo simplesmente porque é um ser morto.

Um pai brutal, um ambiente familiar descaridoso, produzem a incapacidade de comunicação com os outros. Não conseguindo bom relacionamento interpessoal, a própria pessoa erige-se, muitas vezes, em ídolo de si mesmo, chegando, dessa forma, à completa falsificação da própria existência.

Esses três períodos, da gênese da personalidade são fundamentais para o surgimento da religiosidade normal e da fé viva. Depois, na adolescência repetem-se esses períodos.

2. A ADOLESCÊNCIA.

Ao entrar na adolescência, o jovem já possui a experiência fundamental: seja a do carinho ou de sua falta, seja a da autonomia ou do cerceamento, seja, na elaboração da imagem paterna, a do relacionamento ou da falta dessa imagem.

Três são as fases da adolescência, correspondendo aos períodos anteriores, que acabamos de considerar.

A primeira fase da adolescência caracteriza-se como estado de insegurança, de confusão e de turbulência libidinosa. É o momento da puberdade, em que os instintos, a libido, tomam conta da pessoa.

A seguinte fase é marcada pela exaltação do eu. É necessária para a conquista de maior independência e para maior autonomia pessoal e consolidação da personalidade.

A terceira fase assinala-se pelo momento de integração na sociedade. O jovem opta, definitivamente, por uma ideologia, por nova visão do mundo. O superego pode apresentar, até aí, certa transpa-

rência para com Deus, deixando-lhe a possibilidade de fé. Trata-se, todavia, duma "casca" externa, pois o pai acredita em Deus, a família O aceita. Para o jovem, porém, já não é suficiente que determinada pessoa acredite em Deus, que todo o ambiente familiar ou social Nêle creia, mas procura uma convicção, proveniente não apenas da consciência imediata, mais ou menos transparente. Quer comunicar-se com Deus, sem intermediários, no fundo da consciência. "Deus é muito mais íntimo a nós, do que nós o somos a nós mesmos". A comunicação dá-se em nosso coração, no santuário, no templo interior da consciência. A "contemplação" consiste em estar junto a Deus nesse templo.

Na transição da adolescência, quem fôr dotado de grande vitalidade e encontrar bons educadores, capazes de fazê-lo superar as impressões eventualmente negativas do período anterior, poderá tornar-se, realmente, homem, e unificar-se a partir do núcleo central da personalidade, a partir da consciência.

Pedagogia esclarecida, liberdade, caridade, amor, e, principalmente, verdade, levarão a superar as dificuldades anteriores, no decurso da adolescência. Superando complexos infantis e aceitando valores positivos, a pessoa unificar-se-á por aquilo que lhe é tipicamente humano: a consciência.

Se, ao contrário, não fôr essa a educação, mesmo a pessoa sadia poderá regredir. Não complexada na infância, poderá vir a sê-lo na adolescência, por força de educação deturpada. Por aí começará o desvio do seu roteiro, a sua derrota, até culminar pela derrocada total, porque o ambiente escolar demasiado agressivo, erivado de proibições — "não podes fazer isso"; "não faças aquilo" — acaba por destruir-lhe a própria consciência. Sua religiosidade começará a tornar-se obsessiva.

Sabemos que muita escrupulosidade surge na adolescência, por causa das múltiplas repressões. Em vez de abrir-se para o Deus verdadeiro — condição indispensável à fé viva — essa pessoa cultivará uma fé muito débil, muito depauperada e disforme, decaindo até à total decomposição da personalidade. Essa decomposição, por sua vez, importará na total impossibilidade de comunicação pessoal.

Resumindo nossa reflexão, podemos dizer que em toda a evolução da pessoa concorrem tanto a matéria como a biologia e a própria libido, na tendência para manifestar o espírito. Ao surgir o espírito, começa, também a operar o Pneu-ma, o Espírito Santo, que inicia a espiritualização em Deus. A criança tende para o pluralismo, para a multiplicidade. A educação deve orientar essa multiplicidade para a unificação interna. Tanto mais apta estará a pessoa para dialogar com Deus quanto mais unificada estiver toda a sua personalidade.

A unificação existencial realiza-se pelo Espírito total de Cristo. Só se chega a essa unificação integral, quando o Espírito de Deus toma conta da pessoa. É Ele quem principia o diálogo com o Pai, porque é Ele quem incorpora a Cristo, o Espírito de Cristo, que dá o crer, é quem produz a síntese espiritual, a unificação em Jesus Cristo, imagem do Pai, "Logos" encarnado, criador e recapitulador.

Na pessoa tudo converge para Cristo. E o encontro com Cristo não se realiza pela libido, nem só pela esfera intelectual, porque, se assim fôsse, chegaríamos, tão somente, ao conhecimento "doutrinal" de Cristo, e nunca ao relacionamento pessoal com Ele. Cristo manifesta-se no centro da personalidade, e é o Pai quem O revela: "Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair".

P. Géza Kövecses, S. J.